



Abraão multicultural

Abraham multicultural

Ethel Mizrahy Cuperschmid*

Resumo: Este artigo pretende aproximar os estudos de Zecharias Sitchin para o entendimento, a datação e a contextualização histórica e cultural do patriarca Abraão.

Palavras-chave: História bíblica. Arqueologia. História antiga.

Abstract: This article aims to approach the study to the understanding Zecharias Sitchin, dating and historical and cultural contextualization of the patriarch Abraham.

Keywords: Biblical History. Archaeology. Ancient History.

Introdução

A tradição semita afirma que Abraão é o primeiro patriarca bíblico ao qual tanto o povo judeu como muitas tribos árabes atribuem a própria descendência. Abraão está envolto em diversos tipos de narrativas e é personagem de lendas e foco de especulações. A proposta deste artigo é apresentar uma possível fonte para o entendimento da cultura de seu tempo por meio do recurso de uma fonte pouco usual de “História Antiga”.

Estudarei a parte do Pentateuco que é conhecida, na tradição judaica de *lekh lekah*, que significa “levanta e vai!”. Assim, o capítulo 12 de *Gênesis* inicia-se de maneira surpreendente. Pela primeira vez desde Noé, cinco capítulos antes, Deus fala com um ser humano. Suas instruções são claras: “deixe sua terra, seus parentes e a casa de seus pais, e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (Gn, 12:1), na verdade ordenando a Abrão para abandonar tudo que fazia dele o que era – família, lugar e povo – por um destino desconhecido.

Segundo a fonte bíblica (Gn 11, 31-32), Abrão era filho de Terah e pai de Isaac (com Sarah) e de Ismael (com Agar). Deixou a cidade natal de Ur, “na Caldéia”, e ergueu sua tenda entre os habitantes cananitas e “filisteus” da Palestina;



visitou o Egito e voltou para viver em Hebron. Combateu para libertar seu sobrinho Lot, prisioneiro de Chedorlaomer, rei de Elã, Amrafel, rei de Shinar, e seus aliados.

Deus também ordenou Abraão que sacrificasse seu único filho, ou seja, testou sua fidelidade ordenando que sacrificasse Isaac. Ao morrer-lhe a mulher Sara, comprou a gruta de Machpelah como jazigo da família. Casou novamente, com Keturah. Abraão morreu com uma idade de 175 anos e foi sepultado na gruta de Machpelah.

De acordo com a tradição, Abraão foi o fundador do monoteísmo (sendo chamado “profeta” no *Gênesis*, 20:7), enquanto lendas posteriores referem-no como o repositório de toda a sabedoria e ciência. É o protótipo da humildade e da bondade, afamado por sua hospitalidade. A circuncisão é mencionada como “o Pacto de Abraão, nosso Pai”, e Abraão retratado às portas do Inferno, não permitindo que qualquer judeu circunciso seja para aí levado. De acordo com a lenda helenística, foi rei de Damasco. As lendas árabes afirmam que Abraão lançou as fundações do santuário de Meca.

Pesquisa sobre a personagem bíblica

A cronologia de Abraão continua a ser um tema de muito desacordo para especialistas. Uns consideram que se, como personagem histórica, ele se perde na noite dos tempos, os realtos relativos aos seus feitos remetem para o contexto do período monárquico ou mesmo para época posterior ao exílio (século 6 e seguintes). A pesquisa bíblica moderna inclina-se a manter sua integridade histórica. De modo geral, acredita-se que viveu em princípios do segundo milênio a.C.

A maioria dos modernos especialistas no assunto, segundo Golberg e Rayner (1989,p. 17) situam Abraão em algum tempo entre o século 20 e 16 antes da Era Comum (2000-1550 a.C.).

Segundo o relato bíblico, tanto Abraão quanto Isaac residiram nas cidades de Betel, Siquém, Hebrom e Berseba. Abraão aparece em outros locais em ocasiões como em expedições bélicas contra reis locais.

Arqueólogos e pesquisadores vasculharam dezenas de sítios arqueológicos, antigas cidades do Oriente Médio e dezenas de milhares de documentos



contemporâneos das origens de Israel. Para Goldberg e Rayner (1989, p. 17) é impossível, por qualquer critério objetivo, descrever adequadamente a história daquele período, pois tanto a evidência arqueológica quanto a da própria Bíblia são muito limitadas.

As histórias eram passadas de geração em geração oralmente. Os israelitas cultivavam sua memória ao contar suas histórias épicas, ao comemorar suas tradições e sua herança legal e litúrgica. A narrativa bíblica sobreviveu séculos dessa maneira antes de ser fixada por escrito, provavelmente após o exílio, na segunda metade do primeiro milênio a.C.. Segundo Barry J. Beitzel (2006, p. 104):

Estudiosos reconhecem que o Pentateuco foi escrito bem depois dos eventos que ele relata. Os anacronismos sugerem isto, como aquele que evoca os filisteus (Gênesis 21:32), que chegaram a Canaã em torno de 1200 aC". "Ur dos Caldeus" é outro anacronismo, pois os caldeus só chegaram à região centenas de anos após Abraão.

Por outro lado, a narrativa do livro de *Gênesis* que trata de problemas de imigração, de poços d'água e contratos e direitos de nascimento é fascinante porque contextualiza os patriarcas em suas circunstâncias históricas e culturais, além de atestar a autenticidade e antiguidade da Bíblia. Essa narrativa está embrenhada de níveis diversos de material e de objetivos. Existe a representação de indivíduos, dos ancestrais do povo, num contexto moral e, ainda mais importante, a origem e o desenvolvimento de seu relacionamento coletivo com Deus.

O contexto histórico de Abraão é o da civilização da Mesopotâmia, ocasião em que se ocorria um surto de progresso: terras cultivadas, cidades e vida urbana, desenvolvimento técnico como a roda, fornos para cozimento de cerâmica e fundição do cobre.

Para Barry J. Beitzel (2006, p. 104), a época que Abraão recebeu a ordem de Deus para deixar sua terra e sua família foi uma época de relativa paz e prosperidade; as cidades cresciam e prosperavam graças ao comércio. Os agricultores com pequenos assentamentos de terra e os pastores nômades supriam suas necessidades básicas. "O poder egípcio era mais frágil e



equilibrado pelo mais novo Império Hitita (localizado na Ásia Menor). E assim Canaã era composta de cidades-estados, cada uma governada por um rei que tinha alguma lealdade ao faraó egípcio”.

Os achados arqueológicos mostram que há evidências de um vivo intercâmbio cultural entre as civilizações do Egito e da Mesopotâmia que podem ser observadas na cerâmica, na arquitetura e na escrita.

Essa civilização havia também inventado a escrita. Os sumérios, quinze séculos antes do nascimento de Abraão, deram forma à brilhante cultura que sobreviveu por mais de 1500 anos, atingiu seu apogeu entre 2800 e 2360 e decaiu muito tempo antes do surgimento dos patriarcas.

No seu auge, o império sumério abrangia território que vai do rio Tigre ao golfo Pérsico e do Líbano a Susa. Sua capital, Ur, tinha meio milhão de habitantes dedicados à agricultura, manufatura e comércio.

Esse império chega ao fim por volta de 1950 a.C., quando o rei de Elam saqueou e destruiu a cidade. Após um período de tensão e instabilidade, algumas colônias de Ur como Mari, Assíria e Babilônia emergiram como novos centros de poder que lutavam entre si pela supremacia.

Por outro lado, “a antiga Palestina não tinha uma cultura distintiva, nenhum grupo singular de povos, nem uma dinastia que imprimisse um caráter duradouro à sua civilização” (GOLBERG; RAYNER, 1989, p. 20). Tratava-se de uma região sem riquezas naturais, estéril, inóspita povoada por diversos clãs nômades.

A população local era canaanita e a língua utilizada era um ancestral do hebraico bíblico. Cidades como Jericó, Meguido, Shechem (Nablus), Gezer, Lachish já existiam.

Incursões de povos seminômades chegaram a região a partir do século 23 a.C. Esses povos são chamados de amoritas e deram origem aos arameus, e mais tarde aos hebreus.

Após a queda de Ur, as dinastias amoritas tomaram quase todo o estado mesopotâmico e posteriormente a região de Canaã. Um dos aspectos mais significativos dos povos amoritas foi a sua capacidade de adaptação e de



aculturação. Historiadores acreditam que foi como parte ou na esteira do avanço amorita sobre a Palestina que Abraão e seu clã partiram da Mesopotâmia, em alguma época entre 2000 e 1550 a.C.

Importante salientar que Abraão era, de fato, um cidadão que as circunstâncias levaram a abandonar a sua terra. Dessa forma, ele teve que adaptar o seu modo de vida às condições da viagem e ao ritmo e cor locais. A história dos patriarcas apresenta-se como um relato das migrações de uma numerosa família que se desloca com seus rebanhos e todos os seus bens. Paulo Johnson afirma que “Abraão era um homem familiar com cidades, com conceitos legais complexos, e ideias religiosas que, para a época, eram sofisticadas” (1995, p.28)

A narrativa inscrita em Gn 12-50 incorpora diversas tradições antigas. Obedecendo a um único e verdadeiro Deus, Abrão deixa a casa de seu pai e segue para uma terra que lhe será indicada.

Segundo a tradição, esses homens eram originários do norte da Mesopotâmia e os seus antepassados provinham do sul dessa região. “A Bíblia menciona Harã, na Mesopotâmia superior, como o ponto de partida da jornada de Abraão. Seu pai, Tera, havia migrado para Harã, vindo de Ur” (GOLDBERG; RAYNER, 1989, p. 23).

Não se pode afirmar que Abraão foi o primeiro monoteísta. A religião patriarcal era a do clã, na qual havia o Deus patrono, o mais cultuado, mas não havia necessariamente a exclusão dos demais deuses do panteão. Provavelmente, era uma religião de devoção simples, composta de cerimônias realizadas pelo patriarca aonde quer que estivesse o clã. Nesse aspecto, era diversa do politeísmo oficial mesopotâmico, organizado formalmente.

Paul Johnson argumenta que Abraão estava num impasse religioso, pois obedecia a um impulso que creditava provir de um grande e todo-poderoso, ubíquo Deus. Embora Abraão não tivesse desenvolvido plenamente o conceito monoteísta ele era um homem que o buscava, que deixou a sociedade mesopotâmica precisamente porque ele havia atingido um impasse espiritual (JOHNSON, 1995, p. 28).

Uma lenda diz que Abraão chegou à crença monoteísta “ao refletir sobre a natureza do universo e ao rejeitar a idolatria”, ocasião em que quebrou os



ídolos de seu pai, proprietário de uma loja desse tipo de mercadoria. Ao constatar a destruição de seu estoque, o pai de Abrão acreditou que havia ocorrido uma briga entre os deuses. (UNTERMAN, 1992, p. 11).

Quando os patriarcas se mudaram para a Palestina, entraram em contato com os santuários locais. Lá eles cultuavam a deidade de seu próprio clã sob vários nomes: El, El Shadai, El Elion, títulos que evocavam um Deus mais elevado, de poder mais duradouro, que zelava pelos assuntos de Seu povo. No entendimento de Paul Johnson, “[...] Abrão tinha as suas próprias crenças religiosas, mas ele cortesmente prestava tributo, sendo ‘um estrangeiro e um peregrino’, as divindades locais, conhecidas genericamente como ‘El’. Assim, ele pagou tributo a El Elyom em Jerusalém, e reconheceu El Shaddai em Ebron e El Olan em Berseba” (1995, p. 33).

Segundo Goldber e Rayner (1999, p. 24), na narrativa da história de Abraão aparece pela primeira vez o termo hebreu denominando os ancestrais da tribo de Israel. “A palavra hebreu (*ivri*) derivou de Eber, o nome de um tradicional progenitor de Israel (Gn 11:14-17) ou, mais rebuscadamente, de uma palavra que significa *o outro lado*, já que Abraão e seu clã vieram do outro lado do Eufrates”

As denominações kapiro, apiru ou habiru aparecem com frequência em textos mesopotâmicos e egípcios para designar um povo nômade encontrado em toda a Ásia Ocidental de 2000 a.E.C. até o século 11. Essa população, assim designada, era em geral um grupo de seminômades, sem condição de cidadania na estrutura social existente, às vezes vivendo perfeitamente em paz, outras engajando-se como mercenários, ocasionalmente, estabelecendo-se em cidades:

Esses povos, que se deslocavam da Mesopotâmia para o Mediterrâneo, falavam línguas semíticas ocidentais, uma das quais é o hebraico. Um grupo particular é referido, em tabuinhas e inscrições mesopotâmicos, pelo ideograma AS.GAZ, ou como Hapiru ou Habiru. Com esses termos, as fontes não se referiam a beduínos ou habitantes do deserto, que existiam então como agora, pois havia um nome diferente para essa categoria. Não eram tribos regulares, que regularmente migravam com os seus



rebanhos segundo os ciclos e as estações, como ainda fazem em partes da Ásia Menor e Pérsia. Sua cultura era superior à da maioria das tribos do deserto. Precisamente porque não era fácil classificá-los eles intrigaram e aborreceram as conservadora autoridades egípcias [...] (JOHNSON, 1995, p. 25).

Assim, Paul Johnson conclui que “Abraão era o líder de um desses grupos habirus de imigrantes, um chefe substantivo, com ‘318 servos treinados, nascidos em sua casa’” (1995, p. 26).

Nesse sentido, Abraão era o que se poderia agora chamar de um estrangeiro, embora fosse um antigo residente em Hebron. Para possuir terra não vinculada no lugar, ele necessitava não apenas do poder de comprar, mas do consentimento público da comunidade (JOHNSON, 1995, p. 16-17). Abraão negocia com Efrom, um hitita, a compra de terras para sepultar Sarah (Gênesis 23).

Outra versão da história

Algo surpreendente chamou a atenção quando tive contato com a obra de Zecharia Sitchin (1920-2010), autor prolífico de obras como: *O décimo segundo planeta* (1976), *O caminho para o céu* (2010), *Havia gigantes na Terra* (2010), *Guerras de deuses e homens* (1985) e a *Escada para o céu* (1980) dentre outros. Seus estudos revelam histórias de povos antigos, mitos e suas influências na cultura de povos do Oriente Médio.

Entre os mitos estudados por Sitchin, podemos citar o do surgimento do homem na terra, o do dilúvio e epopeias da busca da imortalidade nas culturas orientais.

Em uma obra em particular, o escritor se dispõe a encaixar a história bíblica de Abraão no calendário de eventos sumeriano. Essa narrativa sobre o patriarca Abraão encontra-se especificamente na obra “As guerras de deuses e homens” (Edição brasileira de 2002). Sitchin, segundo a obra informa, “nasceu na Rússia e foi criado na Palestina” e é profundo conhecedor da história e arqueologia do Oriente Próximo, além de dominar línguas antigas como o sumério antigo e o acadiano.



Em geral, seus livros são ilustrados com fotos, mapas e gravuras de fontes primárias da Antiguidade. São artefatos arqueológicos como tabuletas de cerâmica, monumentos, murais, sinetes e moedas que dão suporte ao seu texto.

Para o presente artigo nos interessa o capítulo 13 – “Abraão: os anos fatídicos” (p. 309-338)- do livro *As guerras dos deuses e dos homens* (2002), publicado pela primeira vez em 1985 com o título em inglês: *The wars of gods and man*.

Zecharia Sitchin consegue articular o capítulo 14 de *Gênesis* com a história da Suméria local, a partir de fontes independentes. As fontes, descobertas no final do século 19 eram tábuas de argila babilônicas mencionando os nomes Codorlaomor, Arioc e Tadal, com uma narrativa bastante semelhante ao que está registrado na Bíblia. Ou seja, a história de Abraão está entrelaçada com a queda de Ur, no período de queda do império sumério.

“Apesar dos inúmeros estudos que já foram feitos sobre Abraão o fato é que tudo o que conhecemos sobre ele é o que está na Bíblia” (SITICHIN, 2002, p. 318). Uma vez que a Bíblia não esclarece o motivo da partida da família de Abraão de Ur e também não especifica em que época aconteceu, as inferências deveriam ser feitas através de outras fontes do período, notadamente as arqueológicas.

E assim, seguindo o relato bíblico, da partida da casa de seu pai, Terah, com sentido à terra de Canaã, Abrão acaba se estabelecendo em Haran.

Sitchin nos informa que Haran ficava a noroeste da Mesopotâmia nos contrafortes das montanhas Taurus, e era uma importante encruzilhada da Antiguidade. “Os arqueólogos descobriram que ela era um centro florescente, que copiava Ur tanto na disposição de ruas e edificações como na devoção a Nannar/Sin” (2002, p. 318). Essa última é uma divindade feminina suméria associada à lua.

Pelos cálculos de Sitchin, Abraão estava com 75 anos quando saiu de Haran para ir a Canaã. Toda a tônica da narrativa subsequente sugere uma longa estada da família em Haran. Coligindo os dados bíblicos com os arqueológicos, o escritor concluiu que “se Abraão nasceu em 2123 a.C., [...] ele era um menino de dez anos quando Ur-Nammu subiu ao trono de Ur, mesma época em que Nannar ganhou a custódia de Nippur. Portanto, Abraão era um jovem de 27



anos quando Ur-Nammu inexplicavelmente perdeu a proteção de Anu e Enlil e tombou morto num distante campo de batalha” (2002, p. 318).

Anu e Enlil, pai e filho, são personagens centrais das diversas fontes utilizadas pelo escritor, pois são deuses mesopotâmios. Em sua interpretação, eles e outros deuses do panteão são nada mais nada menos que “deuses-astronautas”, ou seja, seres de outro planeta que colonizaram e iniciaram a vida na terra.

A versão dele é ousada, inovadora, e parte de fontes arqueológicas e da tradução do sumério e do acadiano existente em tabuinhas de argila e outros artefatos. Ao contrário da narrativa oferecida por Sabado Dinotos que parte de diferentes traduções da Bíblia e tira dela uma versão surpreendente da história, não menos interessante e instigadora que a de Sitchin, mas sem fundamentos documentais. Mas, ao mesmo tempo, assemelham-se aos livros de Erich Von Däniken, que também ilustra suas teorias de “antigos astronautas” com monumentos e resquícios de culturas antigas espalhadas pelo mundo.

Além disso, a obra de Sitchin traduzida no Brasil nem sempre apresenta a ficha catalográfica, de modo que seus livros podem ser caracterizados como “História Antiga” e “Influências extraterrestres”, por exemplo.

Neste artigo, não vou discutir as teorias sobre deuses/astronautas oriundos de outro planeta e sim do uso de fontes sumérias para auxiliar a datação e o entendimento cultural dos povos naquela época. Dessa forma, segundo Zecharia Sitchin, havia um governante chamado Ur-Nammu que reinou de 2112 a 2095 a.C. e provavelmente era um “semideus”. Seu desaparecimento ocasionou turbulências que teriam levado a família de Abraão a deixar Ur e se estabelecer em Haran.

A saída de Abraão, então com 75 anos, de Haran ocorreu no ano de 2048 a.C, mesma data da queda do soberano Shulgi, que foi rei da Suméria e Acádia em Ur entre 2095 e 2049 a.C.

Segundo a narrativa bíblica, a família de Abraão era descendente direta de Sem (Gênesis 11). Dessa forma, ele sempre foi considerado um semita, portanto diferente (na mente dos especialistas) dos sumérios não semitas e indo-europeus posteriores. Mas, no sentido bíblico original, todas as pessoas da



Grande Mesopotâmia eram descendentes de Sem, não havendo diferença entre “semitas” e “sumérios” nesse particular (SITCHIN, 2002, p. 319).

Para Sitchin, o contexto da história dos sumérios é suficiente para explicar os eventos bíblicos. As fontes arqueológicas e documentais dessa civilização apontam para a imagem de uma família com raízes na Suméria desde seus primórdios, que de uma hora para outra recebeu ordens de abandonar sua terra natal e ir para um país desconhecido. Dessa forma, Abraão emerge desse quadro não como um filho de imigrantes estrangeiros, mas como herdeiro de uma família diretamente envolvida nos assuntos de Estado sumérios.

O desenvolvimento da moderna arqueologia científica os arqueólogos passaram a usar os textos antigos como guias e buscar confirmação nos restos físicos. Tanto na Palestina quanto na Síria, a investigação de antigos sítios e a recuperação de um vasto número de registros legais e administrativos orientam o resgate das fontes bíblicas.

Assim, na tentativa de descobrir quem era Abraão, os estudiosos agarraram-se à semelhança entre sua designação como hebreu (*ibri* que deriva do verbo “atravessar, cruzar”) e o termo *Hapiru* (que no Oriente Médio podia transformar em *Habiru*), pelo qual os assírios e babilônios dos séculos 18 e 17 a.C. denominavam os semitas ocidentais salteadores. Contudo, nem todos especialistas acreditam que o termo *habiru* denote um grupo ético.

Para Sitchin, “um estudo mais atento mostra que o termo *Ibri* deriva de Eber (Héber), o pai de Faleg, e da raiz ‘atravessar, cruzar’” (2002, p. 323). *Ibri* significava também nativo de um lugar chamado “Travessia” ou “Cruzamento, e esse, exatamente, era o nome sumério para Nippur: NI.IB.RU – O “Local do Cruzamento”.

Da mesma maneira, “a perda da letra n nas transposições do sumério para o acadiano/hebraico era uma ocorrência frequente. Ao afirmar que Abraão era um *Ibri*, a Bíblia estava simplesmente explicando que o patriarca era um *Ni-ib-ri*, ou seja, um homem de origem *nippuriana*” (2002, p. 232).

O fato da família de Abraão ter migrado de Ur para Haran fez com que os estudiosos concluíssem que Ur era a cidade natal do patriarca, mas na Bíblia não há nada que comprove isso. Pelo contrário, a ordem que Abraão recebeu



para prosseguir até Canaã, deixando seu passado para trás, especifica três domicílios separados: o país (a cidade-Estado de Ur), a casa do pai (na época de Haran) e o local de nascimento (não identificado). Portanto, a teoria de Zecharia Sitchin (2002, p. 323) é que o termo *Ibri* significa “nativo de Nippur” e essa constatação resolve o problema do verdadeiro local de nascimento do patriarca.

Sitchin acredita que Abraão pertencia a uma família da nobreza suméria. Pela leitura da Bíblia, como na ocasião sobre o poço de água, fica claro que Abraão tomava cuidado para não se envolver em conflitos com os residentes locais enquanto viajava através de Canaã. Em outra ocasião, quando ele se envolveu na Guerra dos Reis, recusou-se a tomar parte no saque:

Esse não é o comportamento que se poderia esperar de um bárbaro nômade e indica o caráter de uma pessoa com altos padrões de conduta. Ao chegarem ao Egito, Abraão e Sarah foram levados à corte do faraó. Em Canaã, Abraão fez acordos com os governantes locais. Nada disso evoca a imagem de um salteador. Muito pelo contrário, o que vem a nossa mente é um personagem de alto nível, com prática em negociação e diplomacia (SITCHIN, 2002, p. 320).

Esta interpretação baseia-se nas obras de Alfred Jeremias (assiriólogo e professor de História da Religião na Universidade de Leipzig – *Das alte Testament em Lichte des Alten Orients* (1930) e *Der Kosmos Von Sumer* (1932). Em ambas, o pesquisador afirma que “Abraão não era um babilônio semita, mas um sumério” (SITCHIN, 2002, p. 320).

Paul Johnson confirma a alta posição do Patriarca relações com autoridades estabelecidas. Além disso, salienta que essas interações entre estas personalidades, grandes e pequenas, sempre contém um elemento de intranquilidade e são marcadas por trapaceiras, tais como seu repetido artifício de que sua mulher é sua irmã: “sabemos agora pelas tabuinhas que uma mulher com status de sua irmã fazia jus a mais proteção do que uma esposa comum” (1995, p. 26).

A mudança dos nomes de Abrão e Sarai podem ser explicadas por esse mesmo contexto. O Antigo Testamento (Gn 17:1-16) narra como Abraão, por uma aliança com seu Deus, transformou-se de um nobre sumério num potentado



semita ocidental. “Durante o ritual de circuncisão, ele teve o nome mudado do sumério AB.RAM (“Amado de seu Pai”) para o semita/acadiano Abraão (“Pai de uma multidão de nações”), e o nome de sua mulher, SARAI (“Princesa”) foi adaptado para Sarah, semita”. Dessa forma, “foi somente aos 99 anos que Abraão tornou-se um ‘semita’” (SITCHIN, 2002, p. 321).

No entendimento de Barry J. Beitzel (2006, p. 102), o nome Abrão significa “pai sublime” e Abraão “pai de muitos”. As traduções são sempre criações e raramente coincidem. O fato importante a ser salientado aqui é que a mudança de nomes marca a mudança de posição: Abraão e Sarah são, a partir de então, parceiros na aliança com Deus.

Dados sobre a identidade de Abraão são buscados na história, nos costumes e na língua dos sumérios. Pelo significado dos nomes femininos, por exemplo, pode-se inferir que ou o pai de Abraão ou a mãe de Sarah era de ascendência real. Como filha de Harã, irmão de Abraão, tinha também um nome real – Melca (Milkha), que significa “com as atitudes de uma rainha” –, fica claro que o pai de Abraão, Terah, era quem descendia da realeza” (SITCHIN, 2002, p. 321-322).

Pelos nomes na narrativa bíblica outras pistas podem ser encontradas. Segundo afirma Paul Johnson “os nomes de muitos de sua família, Sara, Milca, Terá, Labão, por exemplo, eram associados com o culto da lua” (1995, p. 28).

Sarai e Abrão são irmãos. A arqueologia permitiu saber mais sobre a questão:

Cartas, relatos e leis descobertos em sítios de cidades antigas (tells) nos arredores de Harã trazem clareza sobre a vida e as culturas da região na Idade do Bronze Média. Podemos comparar os relatos de Abraão na Bíblia com esta nova informação. Os detalhes muitas vezes se encaixam. Saber que uma forma de casamento praticada ali dava às esposas a condição legal de irmãs pode ajudar a explicar estas histórias (BEITZEL, 2006, p. 104).

A família de Abraão era, portanto, de ascendência aristocrática que afirmava ser descendente de Sem e que mantinha registros de sua genealogia, guardando os nomes dos antepassados por não menos que três séculos conforme narrativa



bíblica (Gênesis 11): Arfaxad, Salé e Héber; Faleg, Reu e Serug; Nahor, Terah e Abraão.

Segundo os estudos de Sitchin (2002, p. 32) Salé (“Espada”) nasceu 258 anos antes de Abraão, no ano de 2381 a.C., época das lutas que levaram Sargão ao trono da nova capital, Acad. Após 64 anos, a família deu ao primogênito o nome de Faleg (“Divisão”). De fato, foi essa a época em que a Suméria e Acad se separaram.

O termo *Ibri* deriva de Eber (Héber), que foi o progenitor de Faleg, e da raiz “atravessar, cruzar”. *Ibri* significa nativo de um lugar chamado “Travessia” ou “Cruzamento”. E esse é o nome sumério de Nippur. Segundo Sitchin, foi na época de Héber que começou a associação da família com esta cidade. “Esta jamais foi uma capital real, sendo uma cidade consagrada, o “centro religioso” da Suméria no entender dos estudiosos do assunto” (2002, p. 323). A cidade de Nippur estava associada aos sumos sacerdotes e ao conhecimento de astronomia, bem como da elaboração do calendário.

Já o nome do pai de Abraão, Terah, também é revelador. Os assiriólogos que procuraram o significado do nome na terminologia do acadiano (a primeira língua semita), só conseguiram encontrar o substantivo *Tirhu*, que significa “um artefato ou vaso para propósitos mágicos”. Mas, de acordo com Sitchin:

voltando até a língua suméria, descobrimos que o sinal cuneiforme para escrever *Tirhu* derivava diretamente do usado para escrever o nome de um objeto chamado DUG.NAMTAR – numa tradução literal “O que fala a Sorte” –, ou seja, um pronunciador de oráculos! (2002, p. 324).

Considerações

A Arqueologia abre caminhos para outras e novas interpretações do passado distante. Algumas civilizações antigas já desaparecidas e seus resquícios – ruínas de aldeias e cidades, casas, monumentos, utensílios, cerâmicas e cemitérios – podem ser encontrados. Esse material coberto pela poeira e pela



areia de séculos pode revelar muitas informações e fatos da história da humanidade.

Segundo o historiador Paul Johnson (1995, p. 24) tanto as tabuinhas de Ebla quanto as de Mari contém documentos administrativos e legais que se referem a pessoas com nomes do tipo patriarcais como Abraão, Jacó, Lia, Labão e Ismael; também há expressões sugestivas e palavras tomadas de empréstimo relacionadas com o hebraico. Além disso, as personagens que aparecem em situação de litígio enfrentavam exatamente a mesma espécie de dificuldades, oriundas de não terem filhos, de divórcio, de herança e de direitos de nascença, que os seus homônimos bíblicos.

Embora tais descobertas sejam relevantes, a Arqueologia não pode provar o que a Bíblia ensina sobre as grandes e eternas crenças religiosas. Essas fontes antigas podem proporcionar uma maior compreensão do ambiente do mundo bíblico, e apreciação mais apurada das ideias e dos ensinamentos da Bíblia em contraste com os do mundo de que procedia. “Tais fontes extrabíblicas fortalecem nossa confiança em nossa Bíblia e enriquece nossos sentimentos quanto à realidade de nossos antepassados” (COHEN, 1967, p. 15).

A História começou, realmente, com os sumerianos. Suas invenções e suas realizações literárias são excepcionais. As ideias, a literatura, a filosofia e a religião sumerianas sem dúvida faziam parte da educação e do modo de pensar de Abraão e sua família.

Embora o ponto de origem da viagem de Abraão não seja claro, o destino é muito específico – Canaã (Gn 11:31) ou “a terra que eu lhe mostrarei” (Gn 12:1). O destino de Abraão importa mais do que o seu ponto de partida, porque é o lugar escolhido por Deus. (BEITZEL, 2006, p. 102).

A versão judaica da história de Abraão comporta acontecimentos e envolve problemas morais que tomados coletivamente testemunham um projeto da “Providência”. A Bíblia pode ser entendida como uma declaração de teologia, de um relacionamento próximo entre líderes do povo e Deus. Abraão possui papel determinante tanto quanto ancestral do povo judeu quanto exemplo de bondade e justiça.



A datação e a comprovação desta história por outras fontes colabora na aproximação do conhecimento de todo um período e de relações culturais entre povos. Os estranhamentos produzidos no leitor atual podem ser explicados. O estudo das expressões e suas traduções aponta outras tantas possibilidades de interpretação e conhecimento daquele passado.

Abraão, Patriarca do judaísmo, cristianismo e islamismo está mergulhado na cultura suméria, lendas (Talmude) e história. As possibilidades de interpretação da narrativa da história do patriarca são múltiplas e abertas a novas descobertas arqueológicas e interpretações. Este artigo espera ter instigado à curiosidade e promovido novas indagações. Até que ponto a história modifica-se com a memória e recebe influências diversas? O quão próximo chegaremos do conhecimento do passado sobre personagem fundamental desta identidade imaginária do ser monoteísta? Pai de uma multidão de nações e fonte de múltiplas possibilidades interpretativas sobre o passado. Abraão é, assim, personagem multicultural.

* **Ethel Mizrahy Cuperschmid** é Doutora e Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalhou de 2006 a 2013 no Centro de Memória da Medicina da Faculdade de Medicina da UFMG. Atualmente, é professora visitante no Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Referências

BEITZEL, Barry J. (Consultor chefe). *Bíblica o atlas da Bíblia: uma viagem histórica e social pelas terras bíblicas*. São Paulo: Girassol Brasil Edições, 2006.

COHEN, Mortimer J. *Caminhos da Bíblia*. Rio de Janeiro: Editora Tradição, 1967.

DINOTOS, Sábado. *A antiguidade dos discos voadores*. São Paulo: [s.n.], [s.d.]. (1967).

ENCICLOPÉDIA Judaica – A-D. Rio de Janeiro: Editora Tradição, 1967. p. 24-25.



GOLDBERG, David J.; RAYNER, John. *Os judeus e o judaísmo: história e religião*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

GUINSBURG, Jacó (Org.). *Histórias do povo da Bíblia: relatos do Talmud e do Midrasch*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967.

JOHNSON, Paul. *História dos judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

ROGERSON, John. *Bíblia: os caminhos de Deus*. Madrid: Del Prado, 1996. v. 1.

SITCHIN, Zecharia. *As guerras dos deuses e dos homens*. São Paulo: Best Seller, 2000.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.